

Uma Escola Pra Valer... em tempos de Google!

Mauro Oliveira, IFCE Aracati - Benedito Medeiros Neto, UNB

RESUMO: Uma perceptível revolução tem sido engendrada na sociedade com o aparecimento do transistor (1950) e do modelo computacional proposto por Alan Turing (1930). A internet e a Web (1990) tornaram a informação uma “commodity” popular. Hoje, smartphones, redes sociais (2010), Apps inteligentes e Internet das Coisas - IoT (2020) nos transportam da era da informação à era do conhecimento. Estranhamente, o mesmo rebuliço tecnológico não aconteceu com os modelos educacionais. Continuamos a presenciar métodos tradicionais de ensino do tempo do “ronca” em tempos Google. Muitos professores não se dão conta de que a informação/conhecimento deixou de ser um “segredo só a eles confiado” e que há um novo desafio competindo em sua sala de aula, traduzido pela ansiedade na ponta dos dedos no touch screen do seu aluno, fissurado no lúdico da parafernália eletrônica. Aulas magistrais continuam sendo dadas, feito novela de TV, à revelia de uma revolução tecnológica que está a exigir mais ação e interatividade do aluno, tornando-o ator principal no teatro do seu ambiente educacional.

“Acordei com a energia contagiante do Ragnar, o Rei das tribos Vikings do Netflix. Era o primeiro dia de aula de uma nova turma; jovens chegando à universidade, novos desafios, olhares ansiosos, mentes à procura... Perguntei-me como ajudá-los a ser feliz, missão maior de uma Escola Pra Valer; como liberar o guerreiro em cada um deles, aquela energia intangível e única capaz de melhorar o mundo...”

... de darem o máximo de si, o melhor que o homem pode fazer na vida (Cervantes)!”

Pegamos este trecho de um livro de Antonio Barbosa, um professor que conhecemos bem. Mais para avant-première de Ionesco do que para uma primeira aula Skinneriana, Barbosa continua provocador em sua proposta:

“Pensei iniciar a aula com a poesia de “Galos Noites e Quintais”, ou com a beleza “And The Waltz Goes On” do talento inesperado de Anthony Hopkins, ou ainda com a leitura de “Deus segundo Spinoza”... ou com qualquer arte que despertasse no meu aluno o gosto fértil pelo inusitado, ou com qualquer fato instigante, destes que nos libertam de velhas verdades, algo capaz de fazê-lo Rei de si próprio, de sua nova tribo ...

... de trocar toda a sua tecnologia por uma tarde com Sócrates” (Steve Jobs).

Estes dois insights, acima, nos fazem imaginar um proceder pedagógico diferente do convencional, da maneira de se encarar a missão de educar; se não uma nova metodologia, no mínimo um desejo inovador que perpassa a tradicional relação professor falante/ativo e aluno calado/passivo. Diz mais, o Prof. Barbosa, ao falar de uma Escola Pra Valer:

“Afinal, uma Escola que é reflexo da sociedade não serve a ela... nem pra ela! Uma Escola Pra Valer precisa de uma mística onde o aluno, além de construir seu próprio caminho, deixa de ser o coadjuvante na aula para tornar-se o ator principal, afinal...”

... o aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos”.

É fato que estagnamos nas tecnologias educacionais se comparadas com as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Nos anos 80, inofensivos microcomputadores ligados em rede desbancaram os mainframes (computadores com dezenas de terminais), quebrando a hegemonia de empresas como a IBM que chegou a dominar mais da metade do mercado mundial de informática. Vieram as redes de computadores, mas a revolução mesmo só aconteceu com a tecnologia Web (WWW) de Tim Berners-Lee, o mago do CERN que popularizou, nos anos 90, a internet. A partir da Web, qualquer analfabeto digital (com um curso de mouse de 2 min) passou a navegar pelo mundo eletrônico afora, tendo acesso à informação e produzindo conteúdo, até então "propriedades" de poucos grupos econômicos ou, pior ainda, de muitos (maus) políticos. A propósito desta efervescente das TICs, nos alerta Antonio Barbosa:

"Em tempo de Google é "out" demais usar o precioso tempo de aula só para o "mostrar" (dados) ou para o "dizer" (informação). O jovem tá noutra "vibe", precisa "compreender e dar sentido (conhecimento) à informação dita que veio dos dados mostrados. Assim, a aula deve ser usada, prioritariamente, para tirar dúvidas de temas apresentados pelo estudante, ao invés dele receber um conteúdo já pronto e acabado. A teoria deve ser conhecida pelo estudante antes da aula, via livros, vídeos, jogos, internet e do escambo tecnológico disponível..."

... que permita ao aluno perceber que a vida é a travessia de um rio; e que ele não deve atravessá-la no porão do navio (um Pirata... professor)".

Percebe-se, assim, a intrincada e indispensável relação da educação e das TICs. Se em 2010, os Twitters e Whatsapp da vida iniciaram uma revolução social em cima da já revolucionária Web, em 2020 seremos dominado pela tecnologia Internet das Coisas (IoT). Mas as metodologias de ensino não perceberam estes novos pontos de inflexão no modus vivendi da sociedade. Ou não seria anacrônico vermos casais à mesa em um café num insustentável silêncio do ser, cada um a dedilhar seu touch screen com um indelével sorriso enigmático? (Provavelmente os espíões marcianos mais contemporâneos nos descrevem para a NASA Vermelha como seres constituídos de cabeça, tronco, membros e uma "rapadura eletrônica" à mão, o novo oxigênio transistorizado sem o qual não há esperança de vida na terra). A propósito, adverte-nos Barbosa sobre uma Escola que precisa acordar do berço esplêndido e assumir-se em seu papel transformador da sociedade:

"Há uma certa magia na possibilidade de melhorar a vida de um aluno. Por estar envolta nesta magia, a busca de uma mística é um sentimento presente em uma Escola Pra Valer, compartilhado por professores, servidores e estudantes. O resultado é uma identidade diferenciada que depende da ideologia dominante no local, da crença do professor em sua capacidade de mudar a vida de seu aluno e do seu desejo de incorporar esta missão dentre suas atribuições. E isso não se consegue com normas nem decretos. Precisa-se ter paixão pelo ofício e arte de ensinar"...

... por que o sonho do jovem é pólvora! Pode mofar, pode explodir ou, se bem cuidada, pode ser o estopim de sua realização plena".

Aprendizagem não é saber muito; é conduzir o estudante à atitude de pesquisa, de procura, de resolução de problemas... onde cada educador assuma também o papel de formador inclusive de si próprio e dos colegas (lembra António Nóvoa, reitor da Universidade de Lisboa). Sócrates já nos ensinava modelos inteligentes de educar. Mas parece que nós, professores, não entendemos bem esta lição do sábio de Atenas... nem o recado do poeta do Mucuripe: "ainda somos os mesmos e vivemos (dando aulas) como nossos pais". Por isso, nada melhor do que finalizar este ensaio com o mantra do Professor Antonio Barbosa:

"Há uma mística silenciosa em uma Escola Pra Valer que quer mudar o País. Um Brasil que só será "Pra Valer" quando a educação for percebida importante por seus dirigentes e por seus agentes de educação; quando estes agentes sentirem que tentar melhorar a história de um aluno tem algo de nobre, divino. Que o professor tenha orgulho de sua profissão..."

... E quando meu aluno for tentado a mentir, a humilhar ou a ser injusto, que ele honre sua escola, que o preparou para ser um cidadão de um mundo bem melhor, "dono do seu destino, capitão da sua alma (Invictus)".